



A experiência da metodologia Campesino a Campesino em Sergipe *The experience of the Campesino a Campesino methodology in Sergipe*

SIQUEIRA, Edmar Ramos de¹; FONTES, Marília Andrade²; SOUZA, Fernanda Amorim³; RABANAL, Jorge Enrique Montalván⁴; SIQUEIRA, Pedro Zucon Ramos⁵
¹Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE, edmar.siqueira@embrapa.br; ²Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, marilia_fontes@yahoo.com.br; ³Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE, fernanda.amorim@embrapa.br; ⁴Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, rabanal80@gmail.com.br; ⁵Associação Jatobá, Aracaju, SE, pedrozucon@gmail.com.

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias

Resumo: Evidenciadas demandas por inovação agroecológica no Território Sul Sergipano - TSS, o objetivo da pesquisa foi de avaliar a pertinência da metodologia campesino a campesino (CaC) para contribuir na massificação da agroecologia neste espaço. Como trilha metodológica utilizou-se da pesquisa participativa, com a formação de redes de agroecologia pela aplicação dos procedimentos pertinentes à metodologia, com sistematizações periódicas e, outra, final conclusiva deste processo de construção de conhecimento. Os resultados apontaram para a identificação de eficácia da metodologia para efetiva troca e construção de saberes nesse espaço rural com consequentes elementos de inovação. Um indicativo de conclusão aponta para esta metodologia como uma componente eficaz na estratégia de construção do conhecimento, mas, fica evidenciada a necessidade de um processo social mais amplo que abrigue o processo de inovação impulsionado, para a massificação agroecológica efetiva nos espaços investigados.

Palavras-chave: campesinato, agroecologia, Brasil

Keyword: agroecology, peasantry, Brazil

Introdução

O conceito de agroecologia carrega em si dimensões de movimento social, prática e de ciência. Uma prática da agricultura familiar camponesa, que se organiza e se consolida em movimento político capaz de unificar a luta de movimentos do campo e, ainda, introduz na ciência outras formas de conhecimento (WEZEL et al., 2009; VILLAR et al., 2013).

A agroecologia é, então, um ramo da ciência que atua por meio de um enfoque que valoriza o conhecimento local, campesino e indígena e seus conteúdos históricos gerados como consequência das múltiplas formas de resistência cultural e, como uma estratégia da agricultura familiar camponesa, no sentido de contribuir com a construção das autonomias necessárias para sua existência e reprodução social (GUZMÁN, 2011; PETERSEN, 2013).

O uso da expressão agricultura familiar camponesa, em contraste com agricultura familiar empresarial, quer significar que famílias que têm acesso à terra e aos seus



recursos naturais, vivem da produção rural sem diferenciar o universo dos que decidem sobre a alocação do trabalho daqueles que se apropriam dos resultados dessa alocação, nos termos colocados por Carvalho e Costa (2008), ou, no sentido apontado por Ploeg (2006), a agricultura familiar camponesa diferencia-se tanto na forma como ordena o processo de produção, quanto na forma como se relaciona com o mercado de insumos e produtos.

Para contribuir com a construção de autonomias, aqui compreendida como as formas e estratégias de ampliar a capacidade de autoregulação do modo de vida e produção camponesa (FONTES, 2019), um aspecto relevante é a organização do conhecimento agroecológico, no sentido de potencializar a integração dos saberes tradicionais e populares, com o conhecimento acadêmico.

O foco dessas associações de diversos conhecimentos para gerar o conhecimento agroecológico, então sistematizado, é conferir maior poder à família camponesa tanto na leitura do sistema agrário (e tomada de decisão), quanto na intervenção nas realidades locais, de modo que ampliem, de novo, suas autonomias.

Nesse sentido, a inovação agroecológica se refere a um processo no qual se incorpora os princípios de ecologia, de gestão financeira e de equidade social, por meio das ações de transição agroecológica, de forma que a unidade familiar camponesa de produção agropecuária apresenta progressos evidentes no desenvolvimento em seus espaços de produção (SIQUEIRA et al., 2017).

Neste contexto o objetivo da pesquisa foi de avaliar a pertinência da metodologia campesino a campesino para contribuir na massificação da agroecologia no espaço rural do Território de identidade rural Sul Sergipano – TSS.

Para que uma condição de autonomia camponesa seja construída é necessário que forças consistentes sejam mobilizadas e, existem evidências de que a metodologia CaC, identificadas por situações concretas ocorridas em Cuba (HOLT-GIMÉNEZ, 2008; MACHÍN SOSA et al., 2012) e Índia (KHADSE et al., 2017) possa desencadear um processo de mobilização dessas forças.

A dinâmica de construção dos intercâmbios, a capacidade de interação e aprendizagem que provocam e o estímulo para a construção de redes agroecológicas, evidenciam que a metodologia CaC pode ser eficaz na mobilização de forças que agem no sentido da construção do processo de autonomia camponesa (FONTES, 2019).

Uma questão delicada e importante - é se necessária ou não, a identificação de uma matriz tecnológica, com princípios ecológicos, para estimular e provocar uma inovação agroecológica, que possa contribuir na identificação de diretrizes para a construção de um processo consistente de produção de alimentos, fibras e energia, para suprir as necessidades de sobrevivência e renda das famílias campesinas.



Talvez, para ser possível a prática desses princípios ecológicos, uma condição de solidariedade muito forte, tenha que ser estabelecida e, essa condição seja a que mantém viva, o que concebemos como condição campesina.

Metodologia

O trabalho foi desenvolvido no TSS, nos tabuleiros costeiros do estado de Sergipe, pertencente ao bioma mata atlântica do Nordeste Brasileiro. Este espaço rural abrange os municípios de Arauá, Boquim, Estância, Cristinápolis, Indiaroba, Itabaianinha, Itaporanga D'Ájuda, Pedrinhas, Salgado, Santa Luzia do Itanhi, Tomar do Geru e Umbaúba. A citricultura constitui a identidade rural, com conflitos territoriais no âmbito da expansão da monocultura do eucalipto, no excesso do uso de agrotóxicos e carente de sistemas de produção agrícolas familiares de base ecológica (SIQUEIRA et al., 2014).

Como trilha metodológica utilizou-se da pesquisa participativa, com a formação de redes de agroecologia pela aplicação dos procedimentos pertinentes à metodologia CaC, com sistematizações periódicas e, outra final, conclusiva do processo de construção do conhecimento.

O trabalho deu continuidade e analisou os resultados de pesquisas anteriores da mesma Equipe relacionadas aos eixos e estratégias de desenvolvimento agrícola, em assentamentos representativos de todos os municípios da região, a busca de soluções relacionadas com as principais demandas identificadas nos diagnósticos realizados, assim como as experiências de transição agroecológica sistematizadas no Território (SIQUEIRA et al., 2018) no período de 2008 a 2018.

Para articular formas de estimular a construção de redes de intercâmbios de conhecimentos foram contatadas famílias do entorno e identificados interesses em conhecer a experiência sistematizada por meio de um encontro de troca de conhecimentos em redes territorializadas, para facilitar a logística de transporte e alimentação.

Os intercâmbios para interação de saberes se iniciaram com as famílias identificadas que se dispunham a receber a visita das outras tantas que viviam em uma mesma condição territorial e estavam dispostas a compartilhar seus conhecimentos e sua visão acerca da agroecologia (SIQUEIRA et al., 2014) sendo realizadas edições em um total de 66 intercâmbios envolvendo 122 famílias.

Para os dez primeiros intercâmbios era proposta uma pergunta geradora de reflexões durante os encontros: "O que é agroecologia para você?". Para o segundo ciclo a questão era: "Quais são os nossos princípios agroecológicos?". No terceiro: "Quais as autonomias que estou conseguindo alcançar no meu espaço por participar desta Rede?".



As devoluções e avaliações periódicas das informações da base de dados ocorreram a cada série de dez intercâmbios.

A dinâmica para sistematizações sequenciais do processo de construção do conhecimento consistiu de se estabelecer um círculo de cultura, com um primeiro momento de integração e contextualização da dinâmica, seguida de trabalhos de grupos (CHAVEZ-TAFUR, 2007).

Nestes grupos todas as experiências eram analisadas em detalhes e havia reflexões acerca do conceito de agroecologia, dos princípios agroecológicos identificados nas experiências intercambiadas e as autonomias obtidas.

Após a conclusão dos trabalhos nos grupos refazia-se o círculo de cultura para socializar e construir um conceito da rede sobre agroecologia, acerca dos princípios e dos resultados obtidos em relação às autonomias.

Nas avaliações parciais e sequenciais, definido o conceito, eram identificados os princípios presentes nas experiências e planejada a próxima série de intercâmbios com base naqueles mais necessitados de consolidação nos espaços das famílias participantes da Rede e, por último, que estratégias eram necessárias para atingir as autonomias ainda não estabelecidas.

Desta forma foram construídas as agendas dos intercâmbios em cada um dos ciclos de dez intercâmbios.

Resultados e Discussão

A escolha do local de realização do trabalho de pesquisa foi muito pertinente considerando que as demandas pela transição agroecológica já estavam explicitadas no contexto do Território.

As parcerias estabelecidas foram estratégicas, pois sem elas, talvez não teria sido possível realizar as ações de forma segura e acolhedora, por parte das famílias camponesas como ocorreu durante todo o período do trabalho de pesquisa.

O formato de pesquisa participativa foi adequado, pois, as estratégias de identificar experiências, realizar intercâmbios e construir as redes, provocavam o envolvimento de toda a Equipe executora com os processos à medida que iam se consolidando.

O conjunto das narrativas anteriores contextualizando resultados e, apresentando análises dos desdobramentos, contribuiu para indicar as novas demandas de percepções, necessárias para concluir os trabalhos de ajuste da metodologia para o contexto do Território.



A forma de contato das famílias participantes foi facilitada pelas parcerias estabelecidas e os encontros mensais ocorridos no âmbito das reuniões do Colegiado Territorial foram decisivos.

O conjunto dos 66 intercâmbios realizados evidenciou a existência significativa de experiências de transição agroecológica naqueles espaços e a receptividade por estratégias de inovação.

As redes que foram articuladas nos municípios de Estância e Santa Luzia do Itanhy; outra em Arauá e Umbaúba; uma terceira em Itaporanga D'Ájuda e, uma quarta, em Indiaroba, evidenciam que a metodologia foi eficaz para a construção de ambientes de interação e estimular a inovação agroecológica, mas, talvez, para ocorrer uma inovação agroecológica de forma mais consistente, seja necessário que uma espécie de matriz tecnológica, com princípios ecológicos pertinentes, seja identificada, para poder indicar uma posição desejada de futuro da produção, que possa ser alcançada numa linha de tempo.

Conclusões

A metodologia CaC pode criar as condições favoráveis para a construção do conhecimento agroecológico que contribui eficazmente para a inovação, ou, massificação agroecológica, no âmbito do campesinato, mas, para isso ocorrer, talvez seja indispensável a anterior existência de um processo social que dê guarida política ao processo construído a partir da aplicação da metodologia.

Talvez, em síntese, a metodologia contribui de forma muito efetiva para a construção das autonomias camponesas, processo complexo que propicia oportunidades de instrumentalização dos arranjos de poder que se constituem pela expansão da solidariedade entre as famílias em interação.

Referências bibliográficas

CARVALHO H. M. de; COSTA, F. de A. Agricultura camponesa. In: SANTOS, C. A. dos. (Org.). Educação do campo: campo - políticas públicas - educação. Brasília, DF: INCRA/MDA, 2008.

CHAVEZ -TAFUR, J. Aprender com a prática: uma metodologia para sistematização de experiências. Brasil: AS-PTA, 2006, 58p.

FONTES, M. A. **Nós aqui somos um barco, um barco de aprender com o outro:** rede camponesa de agroecologia na construção da autonomia camponesa. São Cristóvão: UFS, 2019.

GUZMÁN, E. S. **Sobre los orígenes de la agroecología en el pensamiento marxista y libertario.** La Paz-Bolivia: Plural editores, 2011. 168 p.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



HOLT-GIMÉNEZ, E. **Campesino a Campesino: Voces de Latino América, movimiento campesino a campesino para La agricultura sustentable.** Managua, 2008. p. 294.

KHADSE, A.; ROSSET, P. M.; MORALES, H.; FERGUSON, B. **Taking agroecology to scale: the zero budget natural farming peasant movement in Karnataka, India.** The Journal of Peasant Studies, 2017.

MACHÍN SOSA, B.; JAIME, A. M. R.; LOZANO, D. R. A.; ROSSET, P. M. **Revolución agroecológica: el Movimiento de Campesino a Campesino de la ANAP de Cuba.** La Habana: ANAP, 2010.

PETERSEN, P. Impérios agroalimentares: Palestra no I Seminário de Formação em Agroecologia. Aracaju, Sergipe, 2013.

PLOEG, J. D. Van der. O modo de produção camponês revisitado. In SCHNEIDER S. (Org.). A diversidade da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. Série Estudos Rurais. pag. 13–54.

SIQUEIRA, P.Z.R.; SOUZA, F.A.; RABANAL, J. E.M.; FERREIRA, K.C.; FONTES, M. A.; SIQUEIRA, E. R. de. Ajuste da metodologia “Campesino a Campesino” em Sergipe, Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, V. 9. N. 14. 2014.

SIQUEIRA, E.R. de. SIQUEIRA, P.Z.R. de; SOUZA, F.A.; FONTES, M.F.; RABANAL, J.E.M.; FERREIRA, K.C., Ajuste da metodologia camponês a camponês com abordagem territorial. **Encuentro de geógrafos de América Latina, XV.** Havana, Cuba. 2015.

SIQUEIRA, E. R. de; AMORIM, F. A.; FONTES, M. A.; RABANAL, J. E.; ANJOS, J. L. dos; SIQUEIRA, P. Z. R. de; COELHO, K. F. Estratégias para a inovação agroecológica em territórios de identidade rural. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2017. (Embrapa Tabuleiros Costeiros. Comunicado Técnico, 211).

SIQUEIRA, P.Z.R.; SOUZA, F.A.; RABANAL, J. E.M.; FONTES, M. A.; SIQUEIRA, E. R. de. Metodologia de Inovação Agroecológica em território de identidade rural. **Cadernos de Agroecologia**, V. 13. N. 2. 2018.

VERDEJO, M. E. Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)/Secretaria da Agricultura Familiar, 62 p. 2007.

VILLAR, J. P.; CARDOSO, M. I.; FERRARI, E. A.; SOGLIO, F. K. D. Os caminhos da agroecologia no Brasil. **Agroecologia: princípios e reflexões conceituais.** Brasília, DF: Embrapa, 2013.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



WEZEL, A.; BELLON, S.; DORÉ, T.; FRANCIS, C.; VALLOD, D.; DAVID, C.
Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. Agron. Sustain.
Dev. 2009.